

ÍCONES

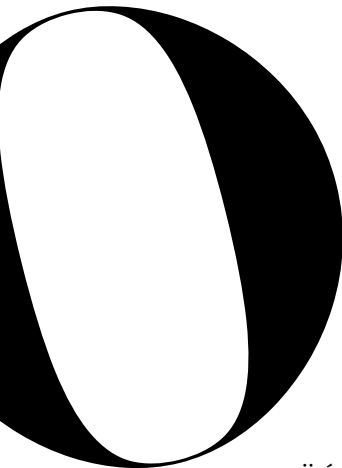
E PICTOGRAMAS

Informar, proibir e contestar

Por Joatan Preis Dutra e Ivana Ebel

Os ícones, pictogramas e ideogramas formam uma linguagem visual que transcende fronteiras e está em constante transformação





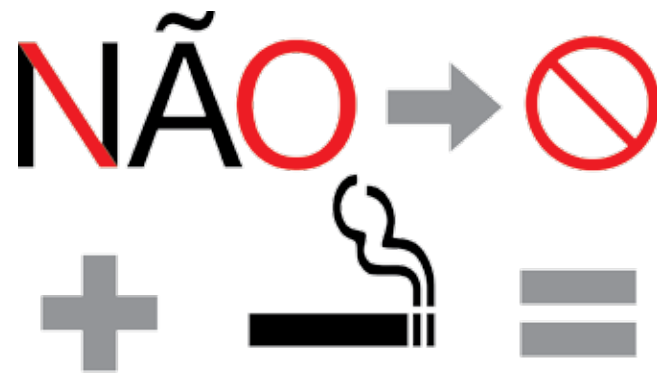
emoji é a linguagem com a mais alta taxa de adoção nos últimos anos. Atualmente, quase metade dos comentários feitos em redes sociais usa os pictogramas para representar diálogos e emoções no lugar de palavras. No entanto, o uso de imagens para substituir vocábulos vem de muito antes da vida conectada digitalmente, e as cidades, de certa maneira, se expressam por meio de símbolos. Avisos, informações e orientações contidos em sinais estão no cotidiano e, aparentemente, fazem parte de uma linguagem universal.

As imagens comunicam informações de forma mais rápida do que o texto e ajudam a romper as barreiras do idioma em sociedades cada vez mais globalizadas. Elas podem estar diretamente relacionadas ao objeto e à função que estão sendo representados, mas também podem ser a interpretação de uma ideia ou conceito.

Quando as imagens transmitem um significado pela proximidade visual do objeto físico, são chamadas de pictogramas. Além da maior parte dos emojis, sinais comuns em aeroportos e meios de transporte servem de exemplo. Fica fácil entender que uma plataforma com uma mala representa a esteira de bagagens ou que o desenho de um passaporte indica o controle alfandegário no qual o viajante deve mostrar seu documento.

Mas nem todas as mensagens podem ser expressas com reproduções tão diretas. Muitas vezes, as imagens acabam por representar conceitos e ideias mais complexos ou abstratos, e nesse caso recebem o nome de ideogramas. O símbolo de proibido é um dos ideogramas mais facilmente identificáveis globalmente: um círculo vermelho cortado por uma barra transversal.

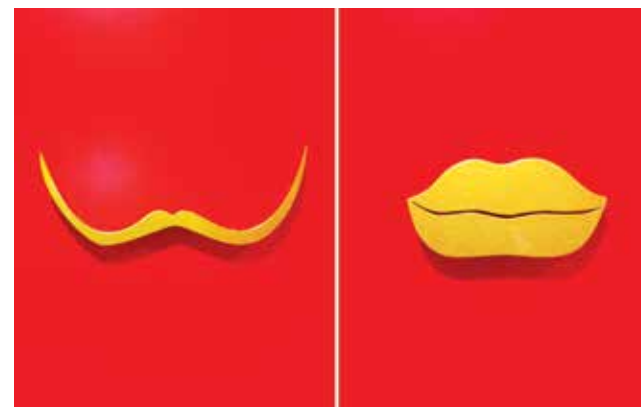
Quando combinado com um pictograma, o ideograma adquire uma nova camada de significação e transmite uma ideia complexa e ilustrativa daquilo que não é permitido. As placas e avisos de proibido fumar podem até ganhar diferentes contornos pelo mundo, mas são basicamente variantes de uma mesma representação.



Combinação de ideograma (proibido) com pictograma (cigarro)



“Banheiro/WC” em formatos abstratos, icônicos, e funcionais, exigindo diferentes níveis de interpretação



Em alguns casos, um pictograma pode até mesmo desempenhar o papel de um ideograma. O ícone que representa o ato de ter uma ideia, um pensamento novo, é uma lâmpada. No entanto, a lâmpada é, de fato, a representação de um objeto (um pictograma do bulbo elétrico), mas transmite uma mensagem diferente nesse caso, representando um conceito (ideograma).

Há milhares de pictogramas e ideogramas universalmente aceitos e que são facilmente reconhecíveis, mesmo que sua origem sejam objetos que caíram em desuso. É o caso do disquete, usado como ícone de “salvar” em aplicativos e programas de computador. Outro exemplo é o obsoleto gancho de telefone, que ainda aparece como símbolo para identificar números de celulares ou linhas fixas. Muitas pessoas que se deparam com o símbolo o entendem com facilidade, mesmo que não tenham tido qualquer contato com os equipamentos analógicos que inspiraram o design.

Indicadores de banheiro mundo afora são um caso à parte. A



tradicional representação das figuras masculina e feminina ganha contornos culturais e pitadas de humor, mas ainda esbarra, na maioria das vezes, na falta de inclusão de gêneros não binários. Universidades inglesas já adotam banheiros de uso misto, geralmente com cabines isoladas que contêm vaso sanitário, pia e secador de mãos em um mesmo cubículo, em espaços não excludentes.

Enquanto as boas práticas seguem no armário, símbolos binários de gênero ganham formatos abstratos. No museu berlinense dedicado a Salvador Dalí, a informação é representada pelo bigode do artista e pela escultura Mae West Lips Sofa. Em contêineres de banheiros alemães, homens e mulheres aparecem sentados - no país, a boa educação determina que os primeiros não urinem de pé.

Os transportes também recorrem a ícones para falar uma linguagem mais universal. Quem já visitou Londres sabe que o aviso "mind the gap" é tão associado à cidade quanto o relógio Big Ben. O áudio é repetido constantemente quando o metrô para em cada estação, alertando para que os passageiros tomem cuidado com o vão entre o trem e a plataforma. Mas os cuidados com o embarque e o desembarque não são exclusividade da capital inglesa e, em países com idiomas menos amistosos, as representações gráficas tentam resolver o problema.

O SÍMBOLO DE PROIBIDO É UM DOS IDEOGRAMAS MAIS FACILMENTE IDENTIFICÁVEIS NO MUNDO

Em aeroportos, onde o vaivém de gente requer informações precisas e de fácil acesso, os ícones são abundantes. É curioso observar como cada um deles busca expressar o conceito de conexões. Dois aviões e setas indicando a relação entre eles estão entre as representações mais comuns.

Em muitas situações, porém, o uso de sinais depende do contexto para ser interpretado. Uma criança e um adulto podem representar uma vaga de estacionamento para família ou um pedido para que os pais andem de mãos dadas com os pequenos. A representação abstrata de degraus pode alertar para o perigo de cair, para a direção onde ficam as escadas ou, no caso do Egito, serve para avisar que é proibido escalar as pirâmides. Em Amsterdã, as grades indicam para jogar o cigarro, mas em Paris não se pode jogar nada: as grades protegem turistas na Torre Eiffel.

O uso de sinais também serve como determinante do comportamento, traduzindo leis complexas e mesmo punições. Andar sem bilhete de transporte na Alemanha, mesmo sem catracas ou cobradores, é crime e rende multa. Desconhecer a língua não serve de desculpa para o descumprimento da

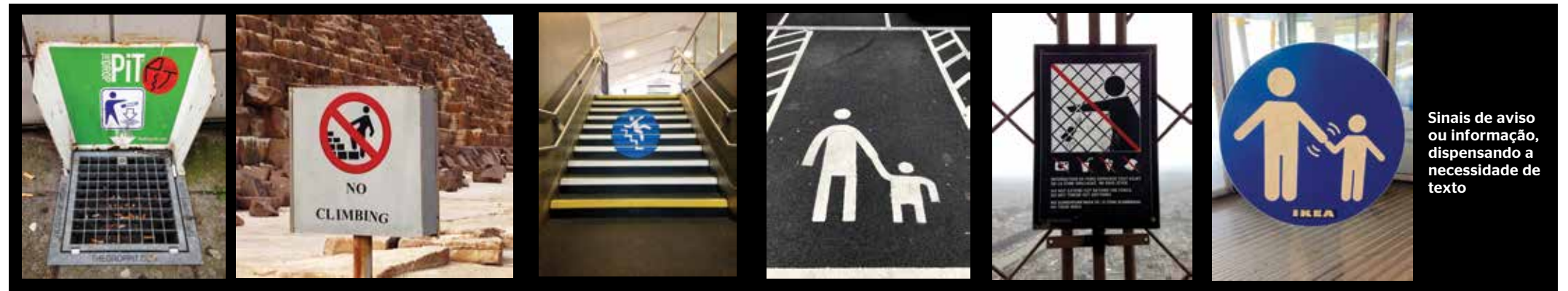
Avisos sobre comportamento e regras onde o ícone reforça ou suprime a mensagem escrita



“Cuidado com o vão entre o vagão e plataforma” ilustrado de diversas maneiras: de sutis a alarmantes



“Conexão de voos” em diversos formatos



Sinais de aviso ou informação, dispensando a necessidade de texto



PER RAGIONI DI SICUREZZA È VIETATO L'INGRESSO CON VOLTO COPERTO

Uso da balaclava como pictograma em contextos distintos



intervenções artísticas de ícones feitas pelo público



regra, mas a falta de um ícone torna difícil a interpretação para quem não fala o idioma local. Um conjunto de imagens, nesse caso, regulamenta o que se pode ou não fazer no transporte coletivo, mas deixa de fora uma das mais importantes informações.

Fazendo jus à fama, as regras de comportamento são infinitas na Alemanha e as imagens, nesse caso, valem por mil proibições. No entanto, lá é permitido beber na rua. Já na Inglaterra, o álcool não é permitido em espaços abertos e um telefone está disponível caso alguém seja flagrado se comportando de forma antissocial. Na Itália, esqueça o futebol no gramado.

As proibições expressadas pelos ícones também podem ser controversas: capacetes, balaclavas e burcas não são tolerados na Itália sob a lógica de esconderem a identidade da pessoa. A regra é vigente em um país no qual o carnaval é celebrado por mascarados e em que religiosas cristãs cobrem-se de véus pretos.

Mas os ícones não são apenas um instrumento de informação ou disciplina. Eles podem ser sinônimo de arte e aparecer em intervenções urbanas. A mesma balaclava proibida na Itália virou símbolo de protesto contra o fascismo em Berlim.

Em Florença, os sinais de trânsito da cidade adquiriram novos sentidos (e sentimentos). Três ícones colados na parede de uma hamburgueria berlinense resumem a vida: trabalhar, comprar e morrer. Mas enquanto o lanche não fica pronto, a dama da porta do banheiro foi para as ruas lutar contra o sexismo.

Da mesma forma que a linguagem falada, ícones, pictogramas e ideogramas estão em constante transformação. Os semicírculos e o ponto que representam a conexão de wi-fi, por exemplo, eram desconhecidos menos de uma década atrás, e os smartphones, que ajudaram a popularizar o uso de emojis nas redes sociais, chegaram há pouco mais que isso. A retórica visual ganha novos elementos todos os dias, ampliando o vocabulário dessa língua cada vez mais popular. Além disso, imagens já conhecidas adquirem novos significados e pictogramas se tornam ideogramas, em novas funções semânticas. Na dúvida, evite enviar o emoji de berinjela quando for comentar sobre o almoço leve e saudável da segunda-feira.



Joatan Preis Dutra é professor de design e mídia na Inglaterra e, antes de dar aulas na University of Derby, atuou como docente na Bauhaus-University Weimar na Alemanha, onde está concluindo seu doutorado em design de interfaces voltado para aplicações culturais e históricas. Também tem experiência nas áreas de design gráfico, web e iconografia. Joatan tem dois mestrados em sua carreira acadêmica: Digital Media (Bremen / Alemanha - 2011) e Multimedia Production (Kiel / Alemanha - 2006), além de ter bacharelado e licenciatura em História (Florianópolis / Brasil - 2002). Quadrinista nas horas vagas, hoje, no tempo livre, viaja o mundo colecionando ícones, pictogramas e identidades visuais. Já passou por 35 países e planeja dobrar o número.



Ivana Ebel é professora de Jornalismo na University of Derby, no Reino Unido, onde trabalha com cursos de graduação, mestrado e doutorado. É doutora em Ciências Midiáticas e da Comunicação pela Leipzig Universität na Alemanha e mestre em Mídia Digital pela Bremen Universität, também na Alemanha. Tem pós-graduação em Ensino Universitário na Inglaterra e é membro da Academia Britânica de Educação Superior. Gradou-se como bacharel em Ciências da Comunicação - Jornalismo pela Universidade do Vale do Itajaí. Poliglota, tem mais de duas décadas de experiência como jornalista internacional e na área de relações públicas. Sua pesquisa é focada em hábitos midiáticos das novas gerações, convergência em dispositivos móveis e retórica visual.